

PAULINA CHIZIANE: PRESENÇA, VOZ E SÍMBOLO FEMININO NA LITERATURA DE MOÇAMBIQUE

p.33-43

Rosenilda Pereira Padilha
Raquel Terezinha Rodrigues

Resumo: Este artigo é um recorte que traz considerações acerca da Literatura em Moçambique para então discorrer sobre Paulina Chiziane, escritora de Mambone, voz feminina que dá visibilidade às mulheres do seu país pelo viés literário. O objetivo do presente trabalho é compreender autoria, contexto social e condição feminina em solo moçambicano. Para isso, o aparato teórico retoma conceitos de Tedesco (2008), Nascimento (2011), Iglésias (2007), entre outros. O resultado considera a escrita autoral de Chiziane, como resposta feminina, do sul de seu país, aos processos de colonização/descolonização; aos conceitos estereotipados sobre a mulher moçambicana/africana; bem como, responde aos olhares externos que ignoram uma África e, de igual forma, um Moçambique de múltiplas culturas.

Palavras-chaves: Moçambique. Literatura. Chiziane. Escrita Feminina.

Abstract: This article is an excerpt that brings considerations about the literature in Mozambique and then discuss about a writer from Mambone, name Paulina Chiziane, a female voice that gives visibility to the women of their country by the literary bias. The objective of this study is to understand authorship, social context and status of women in Mozambican soil. For this, the theoretical apparatus resumes concepts by Tedesco (2008), Nascimento (2011), Iglésias (2007), among others. The result considers the authorial writing by Chiziane as female response, from the south of his country to the colonization/ decolonization process; to the stereotyped concepts of African/Mozambican women; and responds to external looks that ignore an Africa and, equally, a Mozambique of multiple cultures.

Key words: Mozambique. Literature. Chiziane. Feminine Writing.

Introdução

Falar sobre África sem ter aquele “olhar de dentro” faz do nosso percurso um desafio, já que o lugar de produção de um pensamento influencia na formulação dos pensares sobre o que é externo à nossa mundivivência. Ainda assim, o intuito das considerações é acrescentar um olhar em defesa das causas que a autora retrata em suas obras, dada a importância de sua posição e atuação em Moçambique.

Do sudeste do Brasil, nossos estudos , em

um momento anterior, discorreram sobre África, Moçambique, as consequências dos processos de colonização/descolonização para então compreendermos literatura e dentro desta, a escrita de Paulina Chiziane, por meio de análise acerca da primeira obra da autora. Isto justifica o presente recorte e a pretensão de enfatizá-la uma vez mais como presença, voz e símbolo feminino de seu país.

O solo africano é extenso e seus 54 países fazem-no um continente multiplural. Desta multipluralidade importa-nos o contexto

sul-moçambicano que, em alguns aspectos culturais e políticos, se diferencia das demais realidades encontradas em África.

Nosso trabalho trata-se de um recorte, especificamente do segundo capítulo, de um estudo anterior e trás alguns melhoramentos, ajustes e acréscimos em torno da escrita de Chiziane. De início, optamos pelo fragmento da poesia de Noémia de Sousa por ter sido ela a precursora dos caminhos para um novo fazer poético moçambicano e pela participação ativa da autora nos movimentos literários em tempos em que era preciso suscitar vozes em prol da liberdade por todo o continente africano.

Como voz feminina, também atuante na literatura e conhecedora das políticas de Moçambique em época mais recente - pós-independência -, trazemos Paulina Chiziane como figura feminina que pelo viés literário dá visibilidade às demais mulheres do seu país. Uma “Contadora de Histórias”, como ela mesma prefere ser chamada. Uma voz que reivindica melhorias e emancipação das políticas em torno do “ser mulher” em África/Moçambique. Alguém que merece reconhecimento em todos os cantos do mundo pela atuação como mulher, pela escritora que se tornou, pelo conhecimento que possui do seu local de origem e das causas urgentes a serem pensadas em todo o continente e pelas histórias contadas que conferem um conjunto de identidades ao povo de Moçambique.

2. Paulina Chiziane: presença, voz e símbolo feminino na literatura de Moçambique

*Ab, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica
Ativa e mística,
África da cabeça aos pés,
Ab, essa sou eu.*

(Noémia de Sousa, 1949).

O fragmento poético acima é de Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares (1949), possivelmente a primeira escritora negra da África austral e também a precursora dos caminhos que exploravam uma nova poética. Em Moçambique, a autora deu presença à voz coletiva e à consciência de raça (MEDINA, 1987).

Medina afirmou, em 1987, que Moçambique guardava na biblioteca nacional quarenta anos de poesia da autora, mas que antes ainda do jornal literário local começar a publicá-los, muitos de seus poemas e de sua “aura poética” se encontravam gravados na memória dos moçambicanos (ibidem, p. 19).

Escolhemos o excerto pela presença da voz feminina no contexto literário do país, também pela metáfora consciente da necessidade de vozes reverberando liberdade em tempos de libertação. Em Noémia, um olhar feminino que viveu a ameaça dos enfrentamentos e o desejo de vencer as lutas desencadeadas em prol da independência. Um sujeito feminino marcado pelos processos de colonização e descolonização de seu país e de toda sua África. Nela também o olhar abrangente acerca do ser africano e a importância do viés literário na disseminação dos sentimentos que já não cabiam no coração dos nativos.

Outro símbolo de resistência feminina na literatura moçambicana é Paulina Chiziane. Atuantes em tempos distintos, Noémia e Paulina são vozes que vivenciaram momentos complexos de um regime de opressão. A primeira, de presença constante em jornais e movimentos que os mesmos promoviam, sustentou uma posição veementemente contra as políticas opressivas dos anos 1938 a 1951. Neste período, fundou a literatura dos marginalizados (SAÚTE) defendendo um processo de independência nacional sem o uso da violência. Ela e seus companheiros de luta, por meio da literatura, chamaram o povo à ação e organizaram movimentos - MUD-Juvenil, Movimento dos Jovens Democratas Moçambicanos [MJDM], Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique, Centro de Estudos Africanos - comandados por vários intelectuais. É óbvio que tamanha coragem opositiva foi notada e perseguida pela PIDE.

Chiziane por sua vez, se fez ouvir na década de 80 ao participar da FRELIMO. O que aguçou o desejo de expressar suas inquietações e procurar literatura, as possibilidades de luta pela liberdade de seu povo. Como vimos, ambas são

“fontes de perpetuação da moçambicanidade”, com escritos que valorizam e dão visibilidade à cultura e à tradição africana, bem como denunciam as desgraças consequentes do colonialismo (DANTAS, 2011, p. 60-61).

No que concerne à literatura, a nostalgia da sabedoria ancestral esteve na origem dos movimentos literários americanos com o tema “negritude”. Outra das características que marcaram as obras do período estava na contradição, no modo como retratavam a atração e a repulsa ao cristianismo, no conflito entre religiões, conflitos culturais, colonização e descolonização (HARRIS, apud TEDESCO, 2008, p. 929).

Já no que diz respeito à linguagem e à escrita, a historiadora Medina percebia as expressões literárias como multifacetadas. Para ela, a escrita africana revoluciona estruturas sintáticas e pode ser comparada a jogos de espelhos, fora de qualquer padronização que se tente aplicar. Seu trabalho nos apresenta autorretratos escritos, textos, crônicas e poemas de autores que considerou “portavozes do grito épico e/ou do lamento lírico do homem africano” (MEDINA, 1989, p. 106).

Vasta em exemplos, a literatura promoveu a busca por uma ideia coletiva contra o colonialismo, a valorização das crenças e a solidificação destas, nos projetos de cultura africana que se firmaram junto a outras práticas locais.

Outro olhar, ainda retroativo, nos leva aos estudos de Fátima Mendonça e à afirmativa de que a literatura, de língua portuguesa, em Moçambique emergiu de modo sistemático no final de 1920, servindo primeiramente a interesses políticos que visavam assimilação e criação de políticas educacionais dentro das concepções de cultura de suas metrópoles. Sem opção, os escritores se viram obrigados a conhecer e manusear a língua de seus colonizadores para que com ela, pudessem trabalhar as particularidades do país, enaltecendo com ela o universo africano de acordo com o que presenciavam (MENDONÇA, 1989, p. 53).

Nesse sentido, a oralidade também ganhou e dividiu espaço permitindo aproximação, visibilidade, reivindicação e valorização cultural por meio da escrita. Em relação a isso, num estudo mais atual, Dejáir Dionísio (2010) diz que:

Nas culturas modernas africanas, a narrativa oral foi incorporada à literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos comprometidos

com a luta de libertação das colônias. Serviu como palavra conscientizadora para o povo, foi arma e estratégia de luta (p.69).

Nisso, a ressalva de que a literatura aconteceu em três momentos em África: o primeiro foi de cópia, pois seguia modelos literários europeus, o segundo de aproximação da realidade que viviam e o terceiro, de denúncia (DIONÍSIO, 2010).

A Literatura de denúncia também é de resistência e de guerra, como as obras de Paulina Chiziane. Uma estória contada em moldes narrativos, classificados como escritos ou mesmo romances pós-coloniais, tem a “reescrita” bem marcada pelas críticas - ao poder colonizador, às situações de opressão - pelo envolvimento com os anseios libertários e pela condição do povo. Outra característica está no uso da língua portuguesa sempre permeada pelas línguas de origem bantú e ronga - ressemantizações que dividem espaços com as práticas e símbolos culturais de seus locais de origem - em defesa das lutas pela independência (TEDESCO, 2008).

Nos textos literários do período de guerra há significativas abordagens sobre a Guerra Civil e os traumas que a mesma comportou, colocando-a como divisor de águas que evidenciou ainda mais as diferenças entre as diversas culturas e posturas existentes no país. Os aspectos próprios do momento de transição pelo qual todos passavam e as posições tomadas durante a guerra fria impossibilitaram a sustentação dos anseios de uma identidade nacional unificada.

Já as obras contemporâneas registram transformações que, para bem entendermos, precisamos conhecer fatores e elementos que influenciaram suas produções, afinal, questões relacionadas aos conceitos que defendem uma identidade nacional ou de nação se movimentam entre a homogeneização e a percepção reconhecida das diferenças culturais que dividem o mesmo espaço.

Isso, em termos práticos, fez surgir em 1990, uma grande diversidade de romances moçambicanos. Entre outras razões, tal gênero foi o que melhor atendeu a necessidade de compreensão acerca de tudo. Entre as causas de grande impacto sobre a identidade moçambicana, esteve o pós-independência que abriu brechas para a urgência de uma redefinição social e cultural aos olhos dos escritores

contemporâneos (TEDESCO, 2008, p. 19).

Quanto à construção de um sentido de identidade, na versão da história de Moçambique, escrita pela FRELIMO, Fernando Granhão (1960) já justificava a necessidade de registro dos acontecimentos memoráveis do país a partir da história do povo moçambicano e não mais do ponto de vista dos colonizadores.

Neste sentido, a Oficina de História do Centro de Estudos Africanos contribuiu mostrando em seus Boletins, a disputa sobre o sentido de identidade reavivando-o e defendendo a função da Luta Armada no processo de libertação nacional, numa tentativa de deixar o povo a par dos acontecimentos que a burocratização ofuscou (ibidem).

A história de Moçambique, contada pela FRELIMO, cindiu as narrativas que abordavam nação e nacionalidade. As rupturas no projeto revolucionário de superação das desigualdades sociais do país exigiam novo modelo cultural e abandono das práticas de escrita anteriores, por caracterizarem as obras como narrativas coloniais. A partir daí, mesmo sob domínio português, o país buscou formas de se manter austero à procura de uma identidade que fugisse às regras de seu colonizador e, de modo significativo o viés literário moçambicano atendeu esta necessidade auxiliando para o progresso de uma homogeneização cultural.

Retomando o que Dionísio (2010) nos adiantou acerca da Literatura em Moçambique e do primeiro momento de sua disseminação, por meio da poesia, constatamos que esta, atrelada à história do povo, se estendeu, ganhou força, se sobressaiu e muito se comprometeu com as políticas governamentais que envolviam os processos de resistência e assimilações culturais. Denunciou o poder do colonizador e as situações de opressão. Envolveu-se com os anseios libertários, com a condição do povo, com os dialetos dos colonizados, com as práticas e símbolos culturais de seus locais de origem e com a defesa das lutas pela independência.

Tedesco acrescenta que neste contexto, sempre vista como elemento fundamental de resistência, de recusa às imposições colonialistas e de retomada dos feitos culturais africanos, a poesia foi fortemente influenciada pelas questões de negritude, pelo fortalecimento da ligação com a grande África Mãe e pelo olhar solidário para com aqueles que partilhavam a mesma condição de colonizado (TEDESCO, 2008, p. 60).

Na poesia, nos folhetins e no romance aconteceu um combate ao colonialismo de forma generalizada e linear, na tentativa de retratar experiências sociais e dividir temporalidades diferentes. Uma série de expressões literárias vistas como representações de um período de interdependência cultural entre colonizados e colonizadores (ibidem, 2008, p. 31 - 33).

Isto posto, justificamos o fragmento poético escolhido para a abertura deste olhar sobre alguns aspectos influentes que engendram o viés literário do continente africano, com ênfase em Moçambique. Bem como trazemos à baila a voz feminina de Noémia, pela importância já evidenciada a princípio, pela forte atuação nas lutas de resistência e como possível inspiradora dos(as) escritores e escritoras da África, optamos por discorrer sobre Paulina Chiziane.

2.1. Chiziane, “A Contadora de Histórias” e suas considerações acerca do “Ser Mulher” em seu país.

Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher”.

Paulina Chiziane, 2013.

A pluralidade do pronome na epígrafe acima, o gênero feminino em foco, as inquietações frente às condições históricas e sociais tracejam em poucas palavras a riqueza do universo literário de Paulina Chiziane. Adentrá-lo é alargar significativamente o que Hans Robert Jauss (1994) chama de “horizonte de expectativas”. Sem dúvida, um privilégio rico em termos históricos, étnicos e culturais. Antes de migrarmos para tal “universo”, convém saber sobre a autora e a que fins ela destina sua escrita.

Em quatro de junho de 1955, nasceu Paulina Chiziane, em Manjacaze, província de Gaza, ao sul de Moçambique. Cresceu em bairros periféricos da capital Maputo, na época chamada Lourenço Marques. Observou e vivenciou ainda pequena os maus-tratos do colonialismo e dessas observações críticas acerca de tudo que ouvia das mulheres de sua família e das histórias

contadas pelo seu povo, adveio a vontade de adentrar a literatura dando início às suas publicações, em 1984 (TEDESCO, 2008, p. 13).

Em seu artigo, *Eu, Mulher... Por Uma Nova Visão do Mundo*, Paulina fala de suas origens, dos pais e seus sete irmãos, salientando ser de família pequena, se a comparar às demais de sua comunidade. Seus pais foram protestantes e falavam as línguas Chope e Ronga. O primeiro contato da autora com a Língua Portuguesa se deu através dos estudos.

O que a própria Chiziane revela é que a preocupação de representar, por meio da escrita, as mulheres de Moçambique não lhe veio ao acaso, pois ao migrar do campo para o subúrbio matriculou-se numa escola de princípios católicos, na qual simpatizou com estudos acerca “do lugar da mulher na vida e no mundo” (CHIZIANE, 2013, p. 202).

Em relação a isso, encontramos a percepção da influência do discurso feminista de linha francesa, em Niketche [...], quarta obra de Chiziane, cujo assunto principal é o sistema de poligamia de Moçambique. Como não nos estenderemos sobre este assunto, citamos a confirmação analítica de Luciana Nascimento (2011), no trecho em que coloca a narradora, Rami, como enunciadora dessa influência:

Não há dúvida de que a narradora é atravessada pelo discurso ocidental, pois no romance ela cita uma famosa frase de Beauvoir: “Olhei-me com surpresa. De repente lembro-me de uma frase famosa – ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Onde terei eu ouvido esta frase?”. Diante da conselheira amorosa ela enuncia uma frase que demarca seu discurso feminista de influência ocidental francesa. (NASCIMENTO, 2011, p. 23).

O que reforça o caminho trilhado em busca de um posicionamento consciente frente às condições da mulher em seu país. Porém, a própria autora não se sente a vontade com as repercussões das teorias feministas em África. Isto porque, de acordo com Bamisile (2013), as críticas ao feminismo afirmam que ele não condiz com as especificidades encontradas em África e pode “[...] sufocar ou destruir os “verdadeiros” valores africanos” (BAMISILE, 2013, p. 259).

O teórico citado procura em sua tese a possibilidade de um “[...] paradigma de feminismo que seja aceitável, tanto para os estudos ocidentais como para os africanos” (p.

259). Nesse sentido, ele nos apresenta de modo comparativo as divergências entre as alternativas (Womanism, Motherism, Stwanism, Gynismo) de um feminismo existente em África, mas não atenta para o fato de que o continente africano é um contexto de múltiplas culturas, aberto às possibilidades de um feminismo também múltiplo que atenda às demandas femininas de acordo com as experiências vividas e os pontos de vista a partir do local dessas vivências (ibidem. p. 268-274).

Voltando à biografia de Chiziane, desde mocinha ela alimentou o desejo de ser artista, mas veementemente ele foi contrariado pela família, pela escola e, principalmente, pelos conceitos culturais de seu povo. Mesmo conformada, a autora sentiu necessidade de expressar o modo como percebia as contradições entre a realidade a sua volta e as idealizações que carregava consigo. Assim, vagarosamente adentrou o universo da escrita e por ali se deixou estar, inspirada pela condição social da mulher. Tema que, segundo Chiziane, é abordado, esmiuçado e defendido em todas as suas obras. Em suas palavras, ser escritora é uma dificuldade constante, isto:

[...] porque primeiro, eu tenho de provar que sou capaz, depois tenho de conquistar um espaço. Eu tenho que trabalhar muito para mostrar que não foi por acaso que as coisas aconteceram. Mas agora estou numa fase mais estável em que as pessoas já não se assustam e, de certa maneira, já não implicam; mas para chegar até este ponto teve de ser uma batalha (CHIZIANE, 2013, p. 202).

Para situarmos o leitor acerca da escrita autoral, recorreremos à definição metafórica que ela faz de si e das mulheres às quais empresta a voz, por meio do ato individual de escrita. Traços de uma contradição que se ancora na ancestralidade, profundamente enraizada na oralidade, ao mesmo tempo em que nos apresenta duas facetas de um mesmo símbolo cultural. Vejamos:

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra (BAV, 2007, p. 199).

No excerto, a confirmação da mulher como símbolo de fertilidade valoriza a existência feminina e no trecho seguinte, a mesma figura complementa-se revelando que o país de origem de Chiziane, também amaldiçoa o ventre das

mulheres, caso atravessasse períodos de escassez, intempéries ou desgraças (guerras, grandes secas, etc.), pois acredita que graças a elas, é que nascem os feiticeiros, as prostitutas e os transgressores das leis. Em vista disso, punem-nas conforme determinam os pensamentos e conceitos da religião bantú, vigentes em quase toda a África:

Em Moçambique, o povo tsonga celebra o mbelele quando a comunidade é afectada por uma grande seca. Antes de decidir a realização do magno ritual, os homens castigam as mulheres. Fazem preces para os deuses do pai e da mãe. Falham. Os reis e os sacerdotes fazem preces aos deuses do clã ou da tribo. Falham. Recorrem de novo à mulher porque reconhecem nela a fertilidade e sobrevivência do mundo. (CHIZIANE, 2013, p. 199).

Ainda em seu artigo, além de apresentar-se como “contadora de histórias”, Paulina discorre acerca dos problemas acarretados pela condição que a escrita lhe confere, da dificuldade em equilibrar família, trabalho e seu “sonho literário”; dos conflitos no ambiente familiar causados pelo desejo de concluir e publicar mais um romance; das razões que a inspiram, da realidade vivenciada pelas mulheres de seu país e até do descaso daquelas que, ascendendo socialmente, ignoram suas origens e pouco fazem para melhorar ou refletir a condição das demais.

Em relação a isso, menciona leituras e conhecimentos que amparam e justificam as duras críticas que faz àquelas que ascendendo socialmente, ignoram o poder que a “ascensão” confere, caso decidam modificar a realidade das menos privilegiadas:

A história humana tem mulheres que atingiram as esferas mais altas da sociedade. Ao longo dos séculos, houve rainhas, imperatrizes, embaixadoras, ministras. A maior parte dessas mulheres revelaram-se mais preparadas para a ganância e para a vaidade. Exprimiram até ao exagero o seu gosto pela grandeza. Nunca usaram o seu poder para melhorarem as condições de vida do seu povo. Ficaram felizes com as suas altas posições e não fizeram nenhuma concessão a favor da mulher. (CHIZIANE, 2013, p. 202).

A autora também nos conta que antes de ser escritora iniciou estudos linguísticos na Universidade de Mondlane, mas não os concluiu. Procurando exercer seu papel social, preocupou-se com questões políticas e isto a levou à posição de membro da FRELIMO

(Frente de Libertação de Moçambique), porém, desapontada pelos rumos políticos e ideológicos tomados pelo partido, decidiu dedicar-se à escrita.

Assim, deu voz e forma literária ao que pensava acerca de tudo, em 1984. Primeiramente, escreveu contos e os publicou na imprensa moçambicana e na Revista Tempo e Domingo. Em 1990, sua primeira obra foi editada, seguindo com reedições em 2003 e 2007 (QUIVÉ, 2015). Balada de Amor ao Vento, em pouquíssimas palavras, pode ser vista como retrato da tradição e da modernidade coexistindo em conflitos constantes.

Nesse sentido, a carência eminente delegada à Sarnau é uma carência histórica, condiz com o desejo da nação de falar de si, por si mesma, ciente da realidade histórica imprimida e reprimida no inconsciente individual/coletivo, – tomando como base a noção de inconsciente político na produção artística, defendida por Fredric Jameson (1991) – superando os ataques e “abandonos” sofridos em momentos em que a única saída era a sobrevivência.

Em poucas palavras, Balada de Amor ao Vento (2007), nos apresenta um contexto histórico e complexo da colonização. Um espaço onde a figura feminina vive submersa em conflitos, de ordem social, política e existencial sob a regência de uma sociedade patriarcal e poligâmica. É claro que, grosso modo, toda a produção de Chiziane ocupa-se de tais temas e que aqui resumimos demasiadamente essa primeira obra. Nosso argumento para tal assenta-se no fato da mesma ter sido objeto de estudos anteriores. Quanto às demais construções literárias da autora, apresentamo-nas abaixo, rapidamente, e apenas como forma de mostrarmos os caminhos trilhados pela escrita autoral.

Na segunda obra, Ventos do Apocalipse (1993), a narrativa alude a um cenário dantesco ao retratar vinte e um dias de tormento vividos pelos sobreviventes de uma aldeia moçambicana. Considerações a respeito do período comportado pela narrativa encontramos em Oliveira:

Após passar pela guerra de libertação – que perdurou de 1964 a 1975 e foi liderada pela FRELIMO – e livrar Moçambique do jugo português, a nação recém-formada mergulha, mais uma vez, em uma disputa que começa em 1976 e termina em 1992, colocando em confronto, desta vez, os próprios moçambicanos, representantes da RENAMO e da FRELIMO. Em Ventos do apocalipse, segundo romance publicado por Chiziane, a autora recria, ficionalmente, o cenário

dessa guerra fratricida e desvela a face recrudescida dos povos de Mananga e Macuácuá, ambos fartos de violência, fome e morte, mas que carregam, dentro de si, um fio de esperança por dias de paz (OLIVEIRA, 2013).

Já a terceira, O Sétimo Juramento (1999), sob a percepção de Mata (2001), traz um contexto mais urbanizado:

Não tão diferente é este romance dos anteriores, por outro lado. Isto é, este romance reedita, na esteira dos anteriores, a encenação quotidiana do feminino: mais uma vez este livro, O sétimo juramento, revela os meandros que determinam a vida da mulher mesmo numa sociedade urbana em que as mulheres conhecem outras estratégias para contornar o peso da sua condição subalterna – e esta é uma novidade. Desta vez, as mulheres com funções diegéticas são urbanas, da classe que se move na ciranda do poder social [...] (MATA, 2001, p. 188).

Em Niketche: Uma História de Poligamia (2002), obra que rendeu à autora o prêmio José Craveirinha (2009), a tradição poligâmica é retratada, questionada e perscrutada pela protagonista Rami, personagem ocidentalizada que, nascida e criada em ambiente urbano, pouco traz em si sobre suas origens e tradições. Incomodada com o distanciamento do marido e as evasivas cada vez mais frequentes, ela inicia sua investigação e descobre a relação poligâmica que ele mantém com outras cinco mulheres. Em busca de suas origens e procurando conhecer os motivos que levaram o marido à adesão da poligamia, ela percorre Moçambique de norte a sul para conhecer as demais mulheres:

Niketche foca essencialmente o problema da mulher na sociedade atual de Moçambique em que a recriação da poligamia sob formas camufladas acentua a desproteção e desrespeito à mulher. A tradição é recriada em um país onde o passado e o presente se entrecruzam, deixando as pessoas “deslocadas”, e revela as tensões experimentadas pelas interrelações culturais sofridas desde o período colonial e que vem sendo intensificada com a modernidade. Surge na ficção personagens que representam identidades fragmentadas. Vemos uma narrativa construída sob o foco da questão da poligamia que se desdobra em outras temáticas como o erotismo, a feitiçaria e magia, a maternidade e a posição social e econômica da mulher (NASCIMENTO, 2011, p. 39-40).

Ainda na análise de Nascimento (2011),

Niketche “[...], é uma narrativa que liga o passado ao presente numa dinâmica de desconstrução do tecido social, ou seja, denuncia a burguesia urbana dialogando com o histórico, o econômico e o mítico, respondendo ao sistema de dominação. Do sul ao norte do país, a obra nos apresenta duas constituições familiares: no último uma linhagem matriarcal e no sul, o patriarcalismo ao extremo. (NASCIMENTO, 2011, p. 40).”

Sobre o Alegre Canto da Perdiz (2008), visitamos o artigo de Ana Teixeira (2010). No referido romance, as questões em torno do gênero estão acentuadas pelas situações de Delfina e sua filha, personagens em torno das quais a trama se desenvolve:

Chiziane constrói um jogo entre dois lados da identidade da mulher negra: Delfina rejeita a sua cor de pele, mas, vendendo o seu corpo, reconhece, ironicamente, o seu valor. O seu corpo é também fonte de vida, sendo que dois dos seus quatro filhos resultam do encontro inter-racial. A rentabilidade do corpo feminino negro, que reafirma o paradoxo da sua rejeição, é novamente evidenciada pela venda da sua filha Maria das Dores ao velho feiticeiro, Simba. O papel da maternidade, nesta paradoxal coexistência entre o poder valorizador do ventre gerador das mulheres e a objetivação desvalorizadora do corpo feminino, assume uma posição central na narrativa. A maternidade concretiza a dualidade conceptual inerente à heterossexualidade, mas também se torna um veículo de afirmação da identidade feminina. A ideologia falocrática é informada por uma lógica de alteridade, posicionando a mulher como o “Outro” e, assim, validando repetidamente o mito da costela de Adão (TEIXEIRA, 2010).

Tendo em foco o corpo feminino, o plano romanescos apresenta a beleza da mulher africana e os encantos pelos quais negros, brancos e até as “andorinhas”, que narram histórias de grandes heróis de Moçambique, se deixam seduzir. Como vimos, a construção de suas personagens atende aos anseios de representação e visibilidade da figura feminina, na história do país.

Neste sentido, não podemos ignorar esforços parecidos que só emergiram nas entrelinhas da história, no limiar da revisão historiográfica que em Moçambique só aconteceu a partir da III Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, muito tempo depois do ressurgimento dos movimentos feministas de 1960. Só então,

vagarosamente, essas mulheres puderam falar de si, por si mesmas, não mais pela voz de outrem.

São diversos os estudos relacionados às condições das mulheres em solo africano. Os mais antigos abarcam a exploração, por elas sofridas, partindo da condição de mulher colonizada, o que facilitava os atos de trabalho escravo e violência de todas as formas sobre elas. Essa situação em moldes narrativos está em evidência na obra Niketche [...], quando várias mulheres relatam as barbáries sofridas simplesmente pelas condições políticas de subversão feminina.

Muitas das análises em torno do assunto partem de um ponto de vista que desconsidera as questões do patriarcado vigentes no país antes e depois da independência, parte das tradições alimentadas e repassadas às futuras gerações. Isso quando não depreciam as especificidades dessas mulheres ao colocá-las, de modo geral, como analfabetas e sem perspectivas (MIRANDA, 2008, p. 70-71).

Com a publicação da obra *Balada de Amor ao Vento*, Chiziane se tornou a primeira mulher a escrever histórias da oralidade, sob moldes narrativos, em Moçambique. O “rótulo” de romancista, não lhe agrada e quando questionada sobre isso, se auto define como “contadora de histórias”. Isto a inscreve no campo literário e a coloca em uma posição de mulher atuante a exercer certo “poder” social sobre as demais de seu país.

Um ponto importantíssimo evidenciado na escrita de Paulina é o conhecimento que possui acerca das demandas político-jurídicas e sociais que amparam as mulheres moçambicanas e o modo como permeia tais questões com as de valorização do histórico-cultural de seu povo.

Maria Geralda de Miranda analisa as ações das personagens femininas, nos romances de Chiziane, a partir da leitura de quatro de suas obras, dentre elas *Balada de Amor ao Vento*, as quais são lidas e compreendidas como “[...] representações dos dilemas culturais, históricos e sociais vivenciados pela mulher de Moçambique na atualidade” (MIRANDA, 2008, p. 1).

Nas ações, pode-se dizer que há dois pontos contrastantes: um deles eleva o simbólico reflexo das mulheres sofridas, oprimidas e em situações decadentes no/do país, o outro reflete a força, a determinação

e a sabedoria com que elas são preenchidas.

Nas palavras da estudiosa, “As personagens de Paulina são ‘forjadas’ e ‘temperadas’ na e pela dor. Suas ações, de um lado representam os sofrimentos, os desejos e as angústias das mulheres moçambicanas, de outro, retratam também as crenças e a esperança de dias melhores” (ibidem. p. 4-5). Isso tudo confirma o cuidado destinado às figuras femininas, de modo geral, e em especial àquelas que se movimentam entre a tradição e a cultura imposta pelos colonizadores.

Projetadas e reconfiguradas na escrita de Paulina, as mulheres ganham vida e voz no espaço literário. A imagem feminina, tanto coletiva quanto individual, carregada de contradições que ora reafirmam, ora rejeitam valores em voga no país, denota a própria cultura de um povo em processo de construção identitária.

Em um desses valores encontra-se a poligamia, cultura legalmente aceita, praticada, questionada e até defendida pelas figuras femininas criadas pelo ato autoral de Chiziane. Tradição que em tempos de guerra aumenta a opressão e a humilhação sobre todas .

Olga Iglésias (2007), afirma que ainda em nossos dias a mulher africana vive situações de opressão e marginalização. Como historiadora moçambicana, ela atenta para a importância de um “olhar de dentro” sobre o que é ser mulher em seu país, isto é, defende “[...] uma história de Moçambique, no feminino, onde fosse possível compreender correctamente a situação da mulher” (IGLÉSIAS, 2007, p. 134).

A atuação da estudiosa moçambicana na OMM (Organização da Mulher Moçambicana) acabou delegando-lhe espaço e voz no projeto *Mulher & Democracia*. Seus estudos puderam contar com a parceria de Chiziane, no ano de 1994, em prol de uma maior participação das mulheres na fase de democratização do país.

De acordo com as colocações debatidas por Iglésias, a perspectiva de vida do gênero feminino não ultrapassa os trinta e oito anos de idade. Mesmo com as importantes reflexões afloradas durante o período de luta armada de libertação nacional – no pós-guerra (1975) e pós-período de conquista da independência do país (1982-1992) – a situação ainda é frágil. A miséria, a

fome e a falta do essencial à vida são fatores que mantém em níveis baixos, a esperança de vida dessas mulheres. Embora os avanços estejam acontecendo em todos os sentidos, Iglésias diz que os passos são lentos e a condição feminina ainda está longe de alcançar uma igualdade de direitos.

Numa visão geral, o período pós-crise estagnou o desenvolvimento de Moçambique, o que desencadeou uma série de preocupações acerca do andamento das recentes políticas desenvolvidas em prol da situação da mulher, pois estas só começaram a ser pensadas no período das lutas armadas, em 1960.

De lá para cá, não só elas como também o povo de Moçambique seguem a alimentar o sonho de um renascer africano, sempre à espera de possíveis decisões governamentais que cumpram as promessas firmadas em documentos considerados importantes por pensarem não só em desenvolvimento humano, como também numa melhoria das condições de igualdade entre os gêneros (IGLÉSIAS, 2007).

Uma observação pertinente nos romances analisados por Tedesco, bem como nos artigos que visitamos, é que as figuras femininas são ocidentalizadas, cheias do mundo urbano. Distantes de muitas práticas tradicionais quando envolvidas em tramas complexas, buscam contato com o universo espiritual e dessa forma, recuperam através das memórias, tradições que auxiliam na compreensão do que se passa em torno delas (TEDESCO, 2008, p, 74). Em Ana Mafalda Leite (1998), uma ideia de como a visão europeia marginalizou e modificou negativamente tanto a poligamia, como a cultura ancestral do povo moçambicano. (LEITE, 1998).

Leite (1998) recebe e analisa a escrita de Chiziane como intencional e pedagógica no sentido de transmitir saberes exotéricos, religião e cultura. Recontando, ou no caso “reescrevendo”, as narrativas imitam a oralidade para abordarem o passado do país. Dessa forma, Chiziane recupera memórias individuais e coletivas, experiências da assimilação colonial e as transformações do período retratado, mantendo relação com a situação vigente (ibidem. p, 76).

Sob preponderante tradição bantu, sua escrita reconstrói indícios de uma identidade feminina e confere visibilidade às mulheres ao inculcá-lhes

certo poder de interferência no âmbito social. Como sujeito central, a figura feminina desempenha papéis que a valorizam, seja pelo que representa ou pelo modo como influencia e modifica o andamento das coisas (TEDESCO, 2008, p. 78).

Heroínas que dentro da poligamia constroem modos de sobrevivência evidenciam especificidades, principalmente em regiões de bastante pobreza. Quando acometidas por situações complexas, buscam na tradição resoluções para problemas gerais, tanto para o espaço privado como para a coletividade. Atuam no comércio, participam dos acontecimentos, possuem poder de decisão no bairro, solidarizam-se entre elas e convivem com a poligamia de modo organizado, coletivo e também individualizado, quando a disputa é pela atenção do marido.

Nesse caso, as intrigas entre elas acontecem em favor de uma situação para desespero de outra. Realidade que não as coloca como vítimas, muito pelo contrário, realçam suas vivências e o modo como recriam relações entre feminino e masculino no sistema patriarcal (TEDESCO, 2008, p, 76).

Diante do exposto, Tedesco conclui que a independência do país não foi capaz de transformar a realidade dessas mulheres nem mesmo com a ascensão social que vem acontecendo, proporcionada por instituições como a OMM (Organização da Mulher Moçambicana).

Conclusão

Contudo, concluímos que a convivência feminina nesses termos segue seu curso firmando a ideia de que é assim que as mulheres do sul de Moçambique são felizes e que o mundo as entenda subjugadas dentro do patriarcalismo, ao mesmo tempo em que são valorizadas por ele. Um conjunto de práticas contraditórias que no corpo do texto narrativo é resolvido magicamente por elementos simbólicos, imbricados nas práticas culturais, que conferem identidade às conterrâneas de Mambone.

Em Tedesco, para a observação de que principalmente nas obras de Paulina, o conceito de identidade unificada é substituído por “[...] uma outra construção identitária, associada a uma voz feminina e crítica que se opõe à sociedade patriarcal, esta “oposição” acaba por dominar toda sua produção [...]” (TEDESCO, 2008, p, 28).

Aproveitamos a brecha para defendermos uma escrita feminina compromissada com a realidade das mulheres de Mambone e endereçada ao mundo. Um olhar interno sobre as especificidades das causas e reivindicações que a condição do “ser mulher”, em seu país, implica. Uma resposta feminina ao colonialismo; às práticas opressivas aumentadas em virtude de um patriarcalismo que se sobrepôs às tradições locais, aumentando a opressão sobre muitas realidades femininas; também aos modelos externos que ao determinarem conceitos subjagam a experiências, saberes, tradições e vivências em África. A escrita de Paulina Chiziane nasce onde a autora percebe a quantidade de inquietações em torno da condição feminina e também da necessidade de falar sobre as mulheres de Mambone sem que a voz seja externa ou de outrem que não delas mesmas.

Referências

CHIZIANE, Paulina. Eu, Mulher... Por Uma Nova Visão de Mundo. In: *Revista do Núcleo de Estudos da Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, p. 199 -205. Vol. 05, nº 10. Abril de 2013. Disponível em: < <http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/114> >. Acesso em dezembro de 2014.

_____. Paulina. Biografia. In: *Portal da Literatura*. Disponível em: <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2335>. Acesso em junho de 2015.

DANTAS, Luciana Neuma Souza Muniz Meira. *Identidade da Mulher Moçambicana nas Obras de Noémia de Souza e Paulina Chiziane*. Universidade Estadual da Paraíba – uepb, 2011. Campina Grande (PB). Disponível em: <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2011/disserta%C3%A7%C3%A3o%20luciana%20neuma.pdf>. Acesso 28 de janeiro de 2016.

DIONÍSIO, Dejour. *Literatura Afro Em Construção: A Perspectiva Da Ancestralidade Bantu Em Ponciá Vivêncio*, De Conceição Evaristo, 2010.

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários) – UEL- Londrina. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp136986.pdf>. Acesso em janeiro de 2016.

IGLÉSIAS, Olga. Na entrada do novo milênio em África. Que perspectivas para a mulher moçambicana? In MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Editora Colibri, 2007, p. 136-154.

_____. *África, a Mulher Moçambicana e a NEPAD (Nova Parceria para o Desenvolvimento de África)*.

JARID, Arrais. Feminismo Negro: Sobre Minorias Dentro da Minoria. In: *Revista Fórum Semanal*, 2016. <http://revistaforum.com.br/digital/135/feminismo-negro-sobre-minorias-dentro-da-minoria/>. Acesso em 04/01/2016, às 10 h e 42 min.

LUSA, DW África/Correspondentes/. *Momentos de Instabilidade Política em Moçambique – Uma Cronologia*. Disponível em: <http://www.dw.com/pt/momentos-de-instabilidade-pol%C3%ADtica-em-mo%C3%A7ambique-uma-cronologia/a-16912568>. Acesso em março de 2016.

MATA, Inocência. O sétimo Juramento De Paulina Chiziane – Uma Alegoria Sobre o Preço do Poder. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 187-191, 1º sem. 2001. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta08/Conteudo/N08_Parte03_art02.pdf>>. Acesso em janeiro de 2016.

MEDINA, Cremilda De Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopeia. Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

MIRANDA, Maria Geralda de. A África e o Feminino em Paulina Chiziane. In: *Revista Científica Mulemba da UFRJ*, nº 2. Publicado em junho de 2010. Disponível em: <<http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/artigo.php?art=artigo_2_6.php>>. Acesso em março de 2015.

NASCIMENTO, Luciana Alberto. *A Dança das Contradições em Niketche: Uma História de Poligamia de Paulina Chiziane*. Universidade do Estado de Mato grosso, 2011. Disponível em: http://ppgel.com.br/Anexos/Revista%20Athena/Primeiro%20N%C3%BAmero/Luciana_Nascimento.pdf. Acesso em fevereiro de 2016.

OLIVEIRA, Adriana Sousa de. Ventos Do Apocalipse: Mensagem De Esperança Em Tempos de Cólera. In: *Revista Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ*, V.1, n. 8, pp. 16 - 28. jan/jul. 2013. ISSN. Disponível em: <<http://setorlitafrica.lettras.ufrj.br/mulemba/download/artigo_8_1.pdf>>. Acesso em janeiro de 2016.

QUIVÉ, Eduardo. Paulina Chiziane: O Símbolo Feminino na Literatura Moçambicana. Sarau eletrônico, sistema integrado de Bibliotecas. Disponível em: http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=213&Itemid=1. Acesso em setembro de 2015

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. *Narrativas da Moçambicanidade, Os Romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a Reconfiguração de uma Identidade Nacional*. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

UFSCar, Universidade Federal de São Carlos. História geral da África I. *Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki - Zerbo. – 2. ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992 p. Disponível em: << <https://banhodeassento.wordpress.com/2010/12/24/historia-da-africa-livros-da-unesco-baixe-aqui-8-volumes-da-edicao-completa/>>>. Acesso em junho de 2015.